Elena Ferrante

Uma noite na praia



ilustração de
Mara Cerri

intrínseca

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF

Elena Ferrante

Uma noite na praia

Ilustrações de
Mara Cerri

Tradução de Marcello Lino



Copyright © LA SPIAGGIA DI NOTTE: 2007 by Edizioni e/o
Publicado mediante acordo com The Ella Sher Literary Agency,
www.ellasher.com

TÍTULO ORIGINAL
La spiaggia di notte

PREPARAÇÃO
Juliana de Paiva Ferreira

ADAPTAÇÃO DE CAPA
ô de casa

REVISÃO
Rayana Faria

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0037-3

Edição digital: 2016

1ª edição

TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br



Mati é uma menina de cinco anos que fala muito, principalmente comigo. Eu sou a boneca de Mati.

O pai dela acabou de chegar. Ele vem à praia todo fim de semana. Trouxe de presente para Mati um gato branco e preto, e é por isso que, até cinco minutos atrás, Mati estava brincando comigo, e agora está brincando com o gato, que ela chamou de Minu.

Eu estou aqui na areia, ao sol, e não sei o que fazer.

O irmão de Mati começou a cavar um buraco. Ele não gosta de mim. Acha que valho menos do que uma meleca e joga em cima de mim toda a areia que tira do buraco.

Está muito quente.

Penso na última vez que Mati brincou comigo.

Ela me fez pular, me fez correr, me fez ficar assustada, me fez falar e gritar, me fez rir e também chorar.

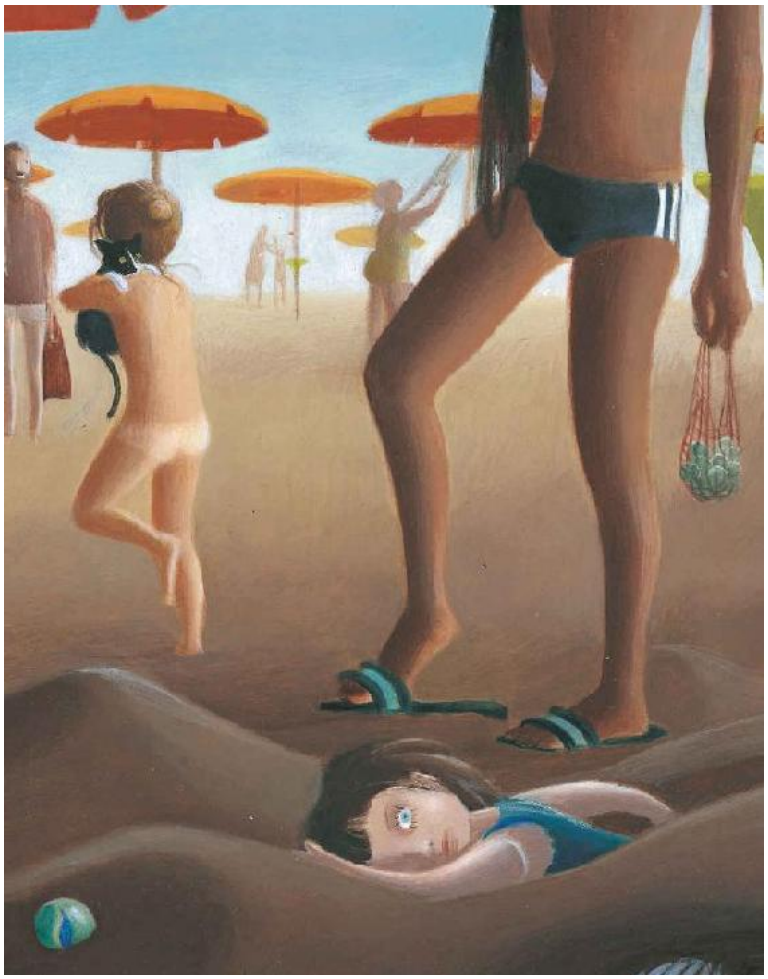
Quando a gente brinca, eu falo muito, e todas as coisas me respondem. Mas aqui, sozinha, enterrada na areia, estou chateada.

Um Besouro passa, e está tão ocupado escavando um caminho que nem me dá oi.

A mãe de Mati foi embora da praia há uma hora, foi para casa. O pai dela também está indo embora carregando um monte de bolsas.

— Mati, vamos logo.

Mati sai de debaixo do guarda-sol com o irmão e o gatinho.



E eu?

Eu não consigo mais ver os três.

Grito:

— Mati!

Mas Mati não me ouve.

Ela está falando com o gato Minu e só escuta ele, e ele responde.

O sol se pôs, o céu está cor-de-rosa.

Um Salva-Vidas se aproxima, e eu não gosto dos olhos dele. Ele fecha os guarda-sóis e as cadeiras. O bigode dele se mexe em cima da boca feito rabo de lagartixa.

Então eu o reconheço.

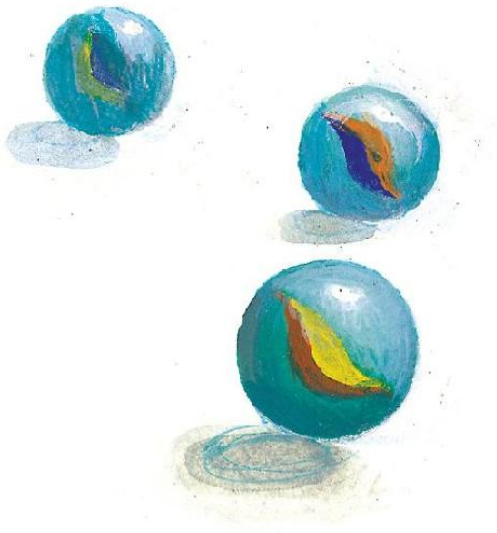
É o Salva-Vidas Malvado da Noite. Mati tem muito medo dele. Ele chega na praia quando já está escuro e rouba os brinquedos das crianças.

O Salva-Vidas Malvado é muito alto.

Ele chama um amigo, o Grande Garfo, que é ainda mais alto do que ele, e os dois começam a pentear a areia.

O Salva-Vidas Malvado da Noite canta uma música assim:

Abra a boca
Coma cocô
Beba xixi
Está logo ali
Não fale nada
É uma cilada
Veja que paz
O silêncio traz.



O Grande Garfo tem dentes de ferro assustadores, afiados pelo uso. Ele morde ferozmente a areia enquanto avança.

Estou com medo. Ele vai me machucar, vai me ferir.

Lá vem ele.

Acabo entre os dentes dele, junto a pedrinhas, conchas, caroços de ameixa e de pêssego.

Fico um pouco amassada, mas estou inteira.

O Salva-Vidas Malvado continua a cantar, com uma voz que dói o coração:

Arranque o nariz
Lá no chafariz
Esvazie o gogó
Você estará só.

Tudo o que ele recolheu na praia vai para um amontoado de galhos, areia, lenços de papel, sacos e garrafas de plástico.

Sou jogada perto de um Cavalinho de Plástico, de uma Tampa de Metal, de uma Caneta Esferográfica e do Besouro, que ainda há pouco passou escavando e agora está de barriga para cima agitando as patas.

O céu não está mais cor-de-rosa, agora está roxo. A areia ficou morna.

Estou muito triste, e com raiva também.

Não gosto desse gato Minu, ou melhor, eu odeio esse gato. Até o nome dele é horrível. Espero que ele tenha diarreia, que vomite e comece a feder tanto que Mati fique com nojo dele e o mande embora. A essa hora eu já deveria ter tomado banho com ela e estaria jantando com toda a família, comendo a papinha de sua colher, um pouquinho para Mati e outro para mim.

Em vez disso, estou aqui, de barriga para cima como o Besouro, e sou obrigada a ouvir essa canção terrível do Salva-Vidas Malvado da Noite.



Está escurecendo. Nada de estrelas nem da lua. O barulho do mar ficou mais alto.

Sinto a umidade no ar, vou ficar resfriada. Mati sempre me diz: “Se você ficar resfriada, vai ter febre.” Repete exatamente o que a mãe diz para ela. Porque Mati e eu também somos mãe e filha.

Por isso, é impossível que ela tenha me esquecido. Assim que perceber que fiquei aqui na praia, com certeza virá me buscar. Talvez isso seja só uma brincadeira que ela inventou para me assustar.

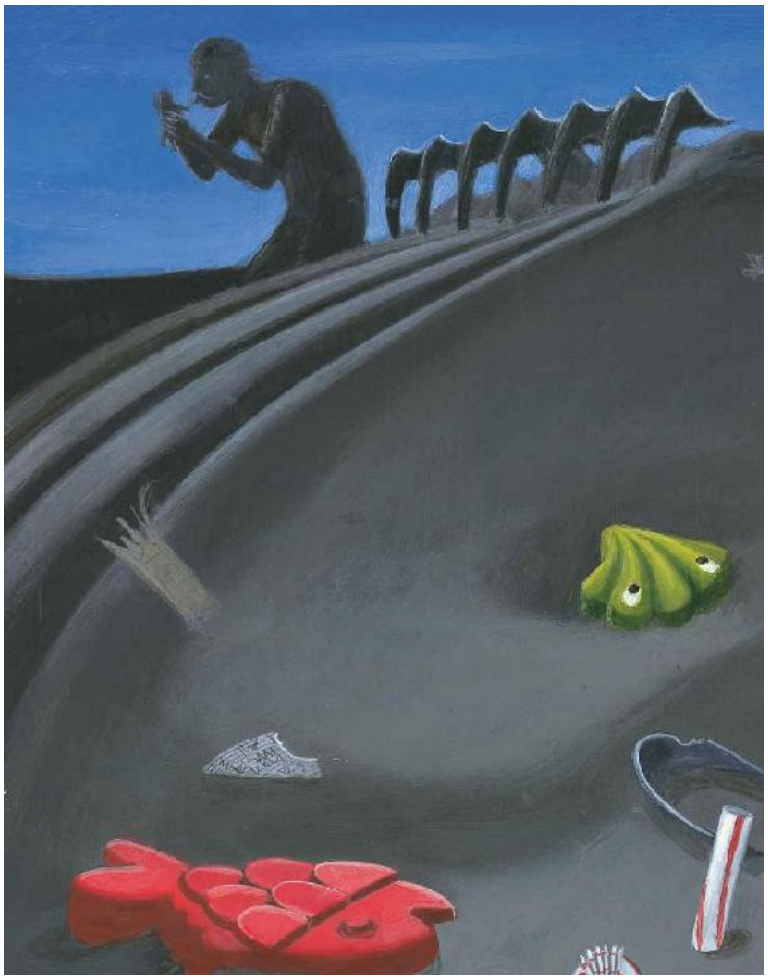


O Salva-Vidas Malvado está muito aborrecido. Ele se ajoelha ao meu lado e diz ao Grande Garfo:

— Não encontramos nenhuma pulseira de ouro, nenhum colar com pedras preciosas. Só essa boneca feia.

— Eu não sou feia! — grito.

O Salva-Vidas Malvado me encara com os olhos malvados. Ele toca o rabo de lagartixa que usa como bigode e, em seguida, estica na minha direção os dedos sujos e grossos, me pega, tenta abrir minha boca e me sacode.



— Ainda tem palavras aqui dentro — diz ao Grande Garfo. Depois pergunta para mim: — O que mais você sabe dizer, hein?

Escondo no fundo da garganta todas as palavras que Mati me ensinou, que servem para as nossas brincadeiras, e fico bem caladinha.

— Vamos ver. No mercado das bonecas pagam muito bem pelas palavras de brinquedos.

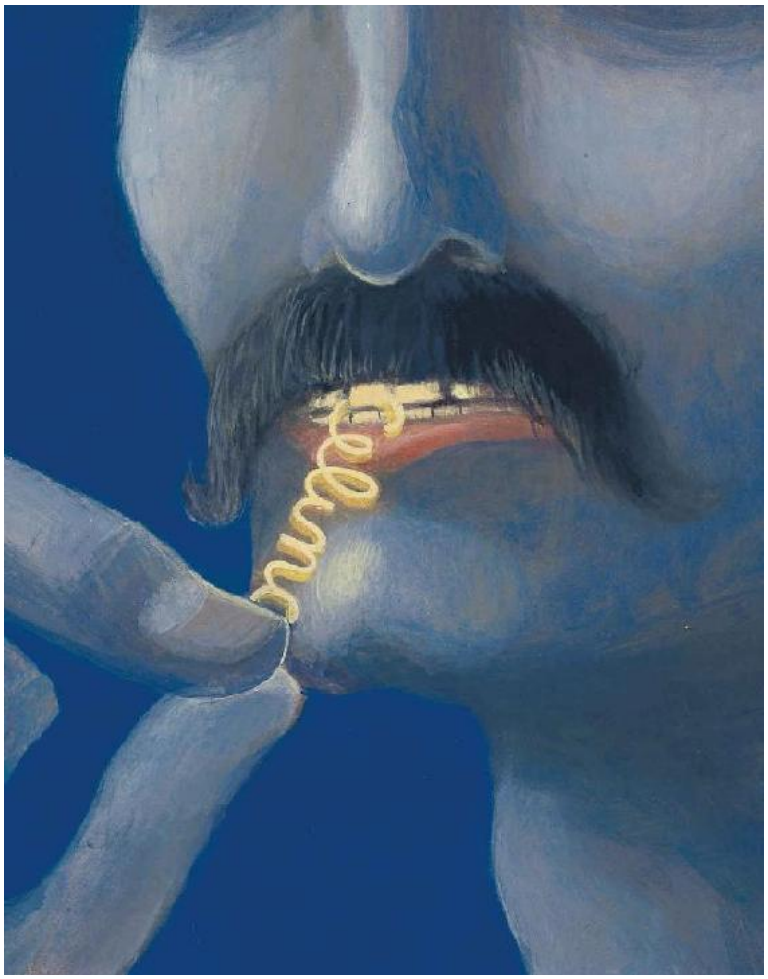
O Grande Garfo parece concordar e arreganha ainda mais os dentes, como se quisesse me morder. Mas o Salva-Vidas Malvado da Noite o impede com um gesto. Ele estala a língua, e, entre os lábios dele, surge um Anzol, pequeno como uma gota de chuva.

O Anzol, que está pendurado em um fio nojento de saliva, desce até entrar na minha boca.

Recolho depressa todas as palavras de Mati e as escondo no peito. Só fica para trás o Nome que ela me deu.

Morrendo de medo, o Nome chama a si mesmo:

— Celina!


Groom

O Anzol escuta o Nome e *paf*, o agarra e o arranca de mim, causando muita dor.

Vejo Celina, meu Nome, o Nome que minha Mati me deu, sair voando pelo ar, pendurado no fio de saliva do Salva-Vidas Malvado, e em seguida desaparecer, no meio do rabo de lagartixa, para dentro da grande boca do Salva-Vidas.

Mas ele está muito desapontado, o Nome não é suficiente, e então me sacode com força.

— Só Celina? — pergunta. — Mais nada?

O Salva-Vidas Malvado me joga com raiva entre os galhos. Vou parar ao lado do Cavalinho de Plástico, da Caneta Esferográfica e do Besouro. Ouço o Salva-Vidas Malvado perguntar ao Grande Garfo:

— Quanto vão nos pagar pelo nome de uma boneca? Duas, três moedas?

Ah, como estou triste!

Perdi para sempre o Nome que Mati me deu.

Agora sou uma bonequinha sem Nome.

Mas fico calada, não dou nem um pio. O Salva-Vidas Malvado ainda está por aqui, uma sombra muito comprida e escura.

Ele recomeçou a cantarolar:

Ao lado do muro
Já está escuro
Como um mal-estar
Sem nada falar
Some a voz
Num fogo feroz
Arde Celina
Feia menina.



Ele se ajoelha e acende um fósforo. Surge uma chama bonita e quente. O Salva-Vidas aproxima o fósforo da madeira seca, que logo pega fogo. Então ele se levanta, olha por um instante para os galhos que queimam e vai embora, segurando com a mão direita o Grande Garfo.

Agora estou um pouco melhor.

Está quente, não sinto mais a umidade do ar, não vou ficar resfriada.

Mas vejo que o Besouro está preocupado. Ele conseguiu virar de barriga para baixo.

— O que está acontecendo? — pergunto.

O Besouro corre da luz do Fogo e não o vejo mais.

O Fogo é simpático. De vez em quando dá uns estalidos, *craque craque*, crepita contente e lança faíscas vermelhas.

Ouço também o barulho do mar, que ficou ainda mais alto.

Tem uma Onda que vai e volta. Parece uma senhora elegante, com sua bainha branca de espuma.

— Você vai me molhar? — pergunto.

— *Bruuum*!

— Não entendi.

— *Bruuum*!

— Está bem, fale o que quiser. Afinal, que diferença faz se você me molhar?

O Fogo arde que é uma beleza, está cada vez mais quente.

Grito para o Cavalinho de Plástico:

— Tudo bem, Cavalinho?

Grito para a Caneta Esferográfica e para a Tampa de Metal:

— Noite agradável, não?

Mas então eu percebo que a Tampa de Metal se tornou vermelha e que a Caneta Esferográfica está se contorcendo como se fizesse um cocô de tinta e sibilando:

— *Frrrrisss*.



Isso me deixa impressionada.

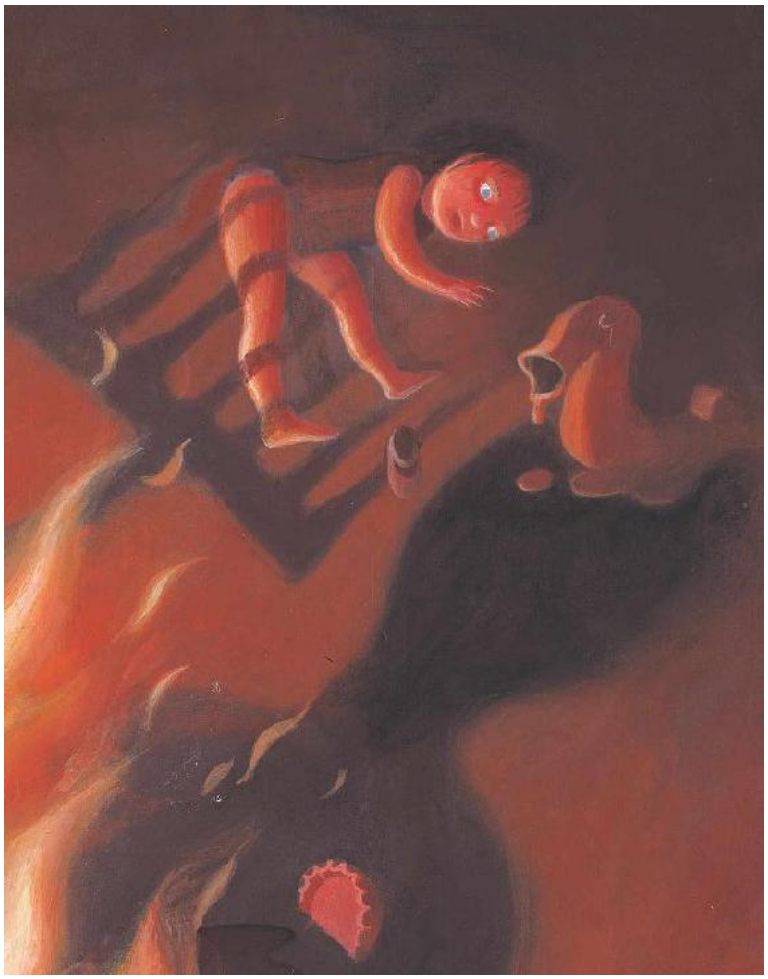
— Cavalinho, precisamos fazer alguma coisa. A Caneta Esferográfica está passando mal — digo, um pouco abalada.

Mas descubro que o Cavalinho também está sofrendo. A crina e a cauda dele já derreteram por causa do calor, e a boca virou um buraco tão grande quanto a cabeça. De repente, ele grita *poc* e desaparece em uma chama vermelho-azulada. Caramba! O Fogo está queimando tudo, vai me queimar também.

— Fogo — suplico —, por favor, não me queime. Sou a boneca de Mati, ela vai ficar zangada.

O Fogo se inclina na minha direção e lança, com um estalo, uma língua muito, muito vermelha:

— *Baaam*!



Então me dirijo à Onda:

— Socorro, Onda! Sou a boneca de Mati. Lavamos o meu bumbum todo sujo de areia na sua água hoje de manhã, lembra?

A Onda arrebenta forte na areia escura da praia.

— *Bruuum*!

Como se não bastasse, ouço o Salva-Vidas Malvado da Noite voltar, dizendo com uma voz ávida para o Grande Garfo:

— Você ouviu? A bonequinha fala, e muito. Vamos logo. Amanhã venderemos todas as palavras dela no mercado das bonecas e ficaremos ricos.

Estou com muito, muito medo.

Enquanto eu estava com Mati, era só falar com qualquer coisa, qualquer animal, e todos me respondiam de maneira clara e compreensível. Se pessoas, bichos e objetos se comportavam mal, dávamos logo uns berros, e eles paravam. Até mesmo quando os garotos queriam nos bater, nos beijar, ver nossa calcinha ou fazer xixi nos nossos pés com os seus piu-piuzinhos, no fim éramos sempre nós que vencíamos.

Mas e agora?

Sem Mati, não sei o que fazer.

A Onda fala, mas não entendo o que ela diz.

O Fogo mostra a língua para mim e quer me queimar, como fez com a Caneta Esferográfica e com o Cavalinho.

O Salva-Vidas Malvado e o Grande Garfo já pegaram meu Nome e agora querem roubar todas as palavras que aprendi com Mati. Será que vou me tornar uma boneca boba e muda ou que só repete as mesmas palavrinhas gravadas?

Mati, mamãe, cadê você?

Eu sou sua boneca, não me abandone.

Mati, se você não vier logo me salvar, se deixar que me queimem, vou chorar.

O Fogo finalmente conseguiu. Inclinou-se para a frente e me pegou pela ponta do meu vestido azul.

— *Fluss* — diz ele, e agora o tecido está queimando, o cheiro é horrível.

— Fogo mau — reclamo, mas ele repete *fluss* e se estica ainda mais, roçando minha mão com seu bafo quente.

O Salva-Vidas Malvado tenta me pegar com o Grande Garfo, que afunda os dentes de ferro entre as brasas para me puxar, fazendo subir muitas faíscas.

Penso pela última vez em Mati, na sua caminha fresca.

Penso em como é gostoso passar a noite encostada em minha mamãe adormecida. Isso nunca mais vai acontecer.

Agora ela com certeza está dormindo com o gato. O amor dela por mim acabou.

Não quero que o Grande Garfo me pegue.

Prefiro queimar guardando no coração as palavras das brincadeiras com Mati.

Sem dúvida.

Mas lá vem a Onda.

Ela cresceu muito. Sua boca branca, em cima de um corpo muito nervoso de água escura, voa por cima de mim e se joga sobre o Fogo e o Grande Garfo, gritando:

— *Bruuuuuuum*!

O Grande Garfo, que está com os dentes em brasa, ao contato com a água exala uma nuvenzinha branca de vapor.

O Fogo se apaga. Bem-feito.

Estou prestes a dizer: “Obrigada, Onda.” Mas saio rolando, arrastada por ela.

Tudo rola: conchas, pedras, a Tampa de Metal, carvões, carvõezinhos, a Onda, eu.

Vou parar no Mar.

— Senhor Mar — digo —, foi muita gentileza sua, o senhor e sua Onda me salvaram, mas, agora, leve-me já de volta para a areia, obrigada.

O Mar não responde. E, mesmo que respondesse, não poderia atender ao meu pedido.

Em cima do Mar, na verdade, está a Tempestade Noturna.

A Tempestade é uma senhora com uma roupa azul-escura muito longa. Tem uma coroa de Raios em volta da cabeça e uma voz trovejante, pois da sua boca larga saem continuamente os Trovões.

O Mar, agitado demais por causa da Tempestade, fica igual a quando, em casa, eu e Mati brincamos de Mar Agitado na banheira. A água, formando ondas, vai parar no chão, e a mãe de Mati chega e grita: “Saiam já daí! Vejam só o que vocês aprontaram!”

Mas aqui não chega ninguém.

Estou sozinha.

Nem mesmo a Onda reconheço mais.

Existem muitas delas, correm uma atrás da outra e competem para ver quem é a mais alta.

Então peço:

— Senhora Tempestade Noturna, por favor, acalme-se. Senhor Raio, não me deixe cega. Senhor Trovão, não me deixe surda.

E logo o Salva-Vidas Malvado, morrendo de raiva, grita na praia para o Grande Garfo:

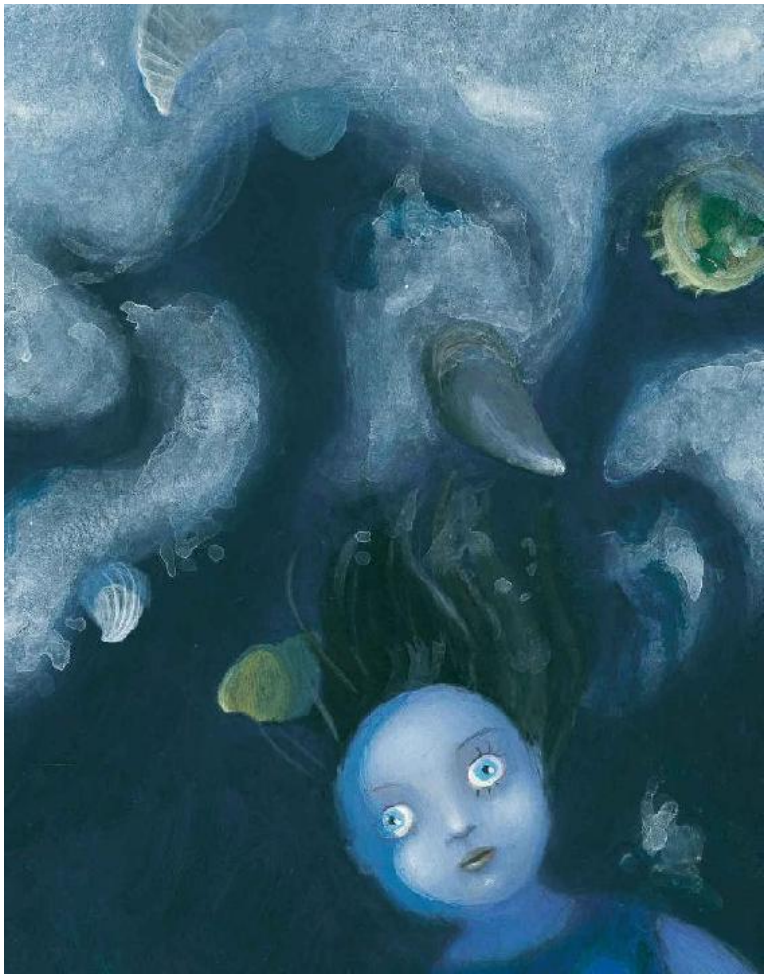
— Ouviu só? Ela ainda está falando, temos que pegá-la!

Enquanto isso, a água passa pela minha boca e vai para a barriga, e começo a me afogar.

Vou para baixo, descendo, descendo, descendo.

Chego no fundo.





Acabo entre Peixes, Latinhas, Garrafas de Vidro quebradas, dois Caranguejos, uma Estrela-do-Mar.

Eu me deito na areia. É agradável.

A Tempestade Noturna virou um barulho distante. A água mal se mexe, como Mati quando está me ninando.

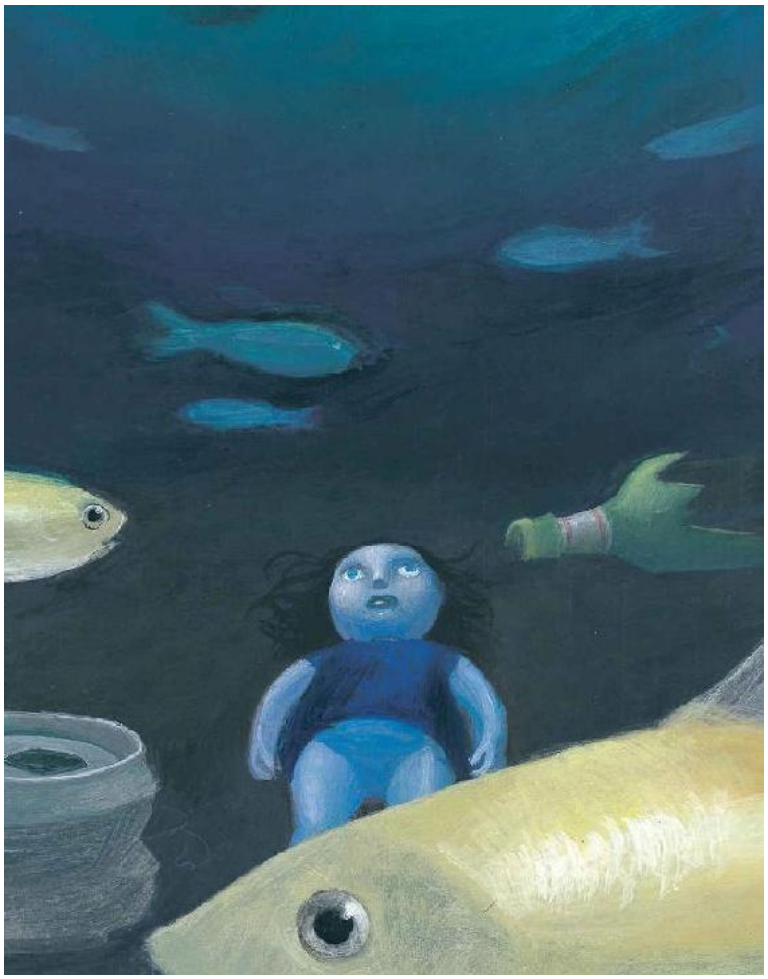
Quanto tempo passou?

Estou muda como um peixe, um caranguejo ou uma estrela-do-mar.

As palavras que Mati me ensinou estão quietas. Boiam dentro do meu peito e da minha barriga. Às vezes, nadam até a boca, mas em silêncio — como quando estão dentro dos livros ou da cabeça da mãe de Mati, que lê e não quer ser incomodada.

Que paz.



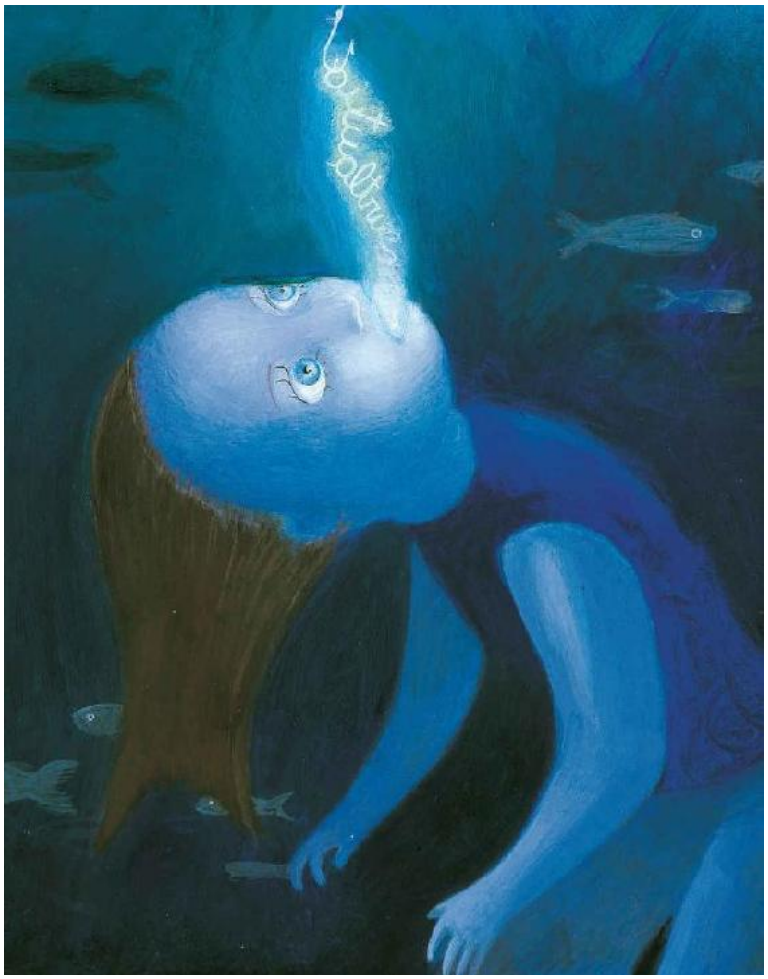


Mas, pronto, lá vem o Anzol.

O Anzol é pequeno como uma gota de chuva e está preso a um fio de saliva brilhoso.

Entra pela minha boca, que mantenho sempre aberta. Estou tão cheia de água que não consigo puxar as palavras para baixo a tempo, para escondê-las no peito e na barriga.

O Anzol pega uma delas e puxa. As outras palavras se abraçam aterrorizadas, formando uma corrente.



Eu puxo de um lado, o Anzol puxa do outro, e no meio estão as palavras, bem agarradinhas.

Estou furiosa. Perdi meu Nome, mas não quero perder mais nada.

Com essas palavras, Mati e eu fomos felizes.

Com essas palavras, ela falava e me fazia falar, fazia falarem os animais, as estrelas, as nuvens, os grãozinhos de areia, a água do mar, os raios e os trovões, os guarda-sóis e as cadeiras, todas as coisas.

Se o Anzol pendurado no fio nojento de saliva tirá-las de mim, não vou me lembrar de mais nada, não vou saber dizer mais nada, nem mesmo o querido nome de Mati.

O Salva-Vidas Malvado da Noite e o Grande Garfo vão vender minhas palavras no mercado, e aposto que o gato Minu é que vai comprá-las.

O Anzol dá um puxão.

As palavras, de mãos dadas, seguem em grande velocidade rumo à superfície do Mar.

Só tenho tempo de prender na boca a última que me sobra: mamãe.

Com os dentes bem juntos em torno de mamãe, vou subindo, subindo, subindo. Enquanto sigo em direção à superfície, pendurada nas minhas próprias palavras, ouço a voz cruel do Salva-Vidas Malvado, que canta a plenos pulmões:

Língua cortada
Não dou mancada
É só ir gritando
E os nomes pegando
Cantamos em coro
Isso é um tesouro
Vivendo de afeto
Seu coração alfineto
Vou me esbaldar
Até vê-lo parar.

O asqueroso fio de saliva se estica cada vez mais, e um último puxão me faz saltar para fora da água junto com a corrente de Palavras aos gritos.



A noite está chegando ao fim.

Voo pelo ar cor de laranja do Amanhecer, segurando bem forte com os dentes o MA de mamãe. Estou quase indo parar na areia quando passa correndo um Animal Escuro. O animal me pega com os dentes em pleno ar e continua a correr.

O Anzol pula fora, e o fio de saliva se parte. As palavras voltam para a minha boca com um estalo, como o de um elástico.

O Salva-Vidas Malvado da Noite perde o equilíbrio e cai em cima dos dentes de ferro muito afiados do Grande Garfo.

O Salva-Vidas Malvado grita “ai-ai-ai!”, e continua gritando.

Os dentes do Animal Escuro, no entanto, são gentis.

O Animal Escuro aperta pouco e me aquece com a sua respiração.

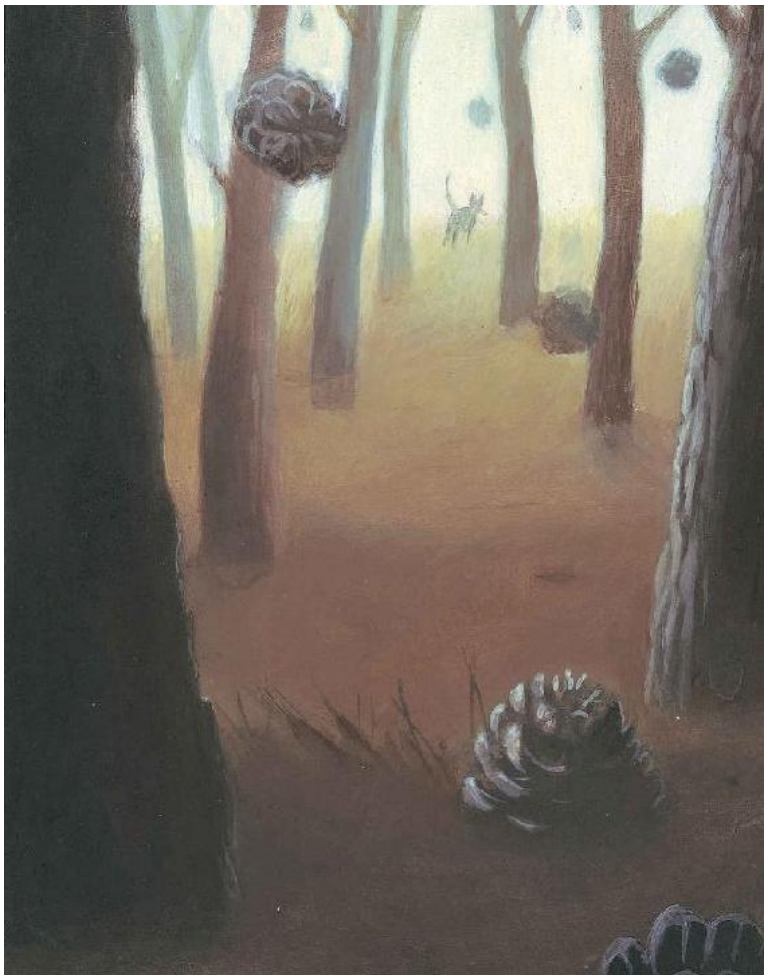
Corremos pela praia, que está toda molhada por causa do Mar Agitado e da Tempestade Noturna.



Ainda bem que o Sol está nascendo e em breve tudo vai estar seco de novo.

O Animal Escuro tem bigodes compridos que me fazem cócegas.

Estamos atravessando às pressas o pinheiral.



Ouço os passarinhos cantando, o barulho das pinhas caindo em cima das folhas secas. Ouço também o choro desesperado de uma menina.

Conheço esse choro.

O Animal Escuro tem uma respiração cada vez mais quente. Ele sai da trilha, escala o tronco de um grande pinheiro, corre por um galho e pula para uma janela.

Ali está a menina que chora.

Ela chorou a noite toda, está com o rosto vermelho e molhado de lágrimas. Nem a mãe nem o pai nem o irmão conseguiram consolá-la.

A menina é Mati, a minha Mati.

Ela só se acalma quando o Animal Escuro me coloca com cuidado na cama.

— Celina! — grita Mati, e me abraça, me beija.

Ah, que alegria!

Os pais de Mati vão descansar um pouco.

O irmão, sempre muito mal-humorado, também se deita em sua caminha e pega no sono. Agora está roncando.

— Como estou feliz que você voltou — diz Mati para mim.

— Eu também — respondo, e logo vou contando tudo. — Sabia que o Grande Garfo e o Salva-Vidas Malvado da Noite quase me mataram?

— Eu sei — diz Mati, que sempre sabe de tudo, é uma mamãe perfeita.

Depois ela se vira para o Animal Escuro com bigodes e lhe diz, emocionada:

— Obrigada.

— De nada — responde ele, e sorri para mim, esticando uma patinha em minha direção. — Prazer, gato Minu.

— Eu me chamo Celina — respondo.

— Que nome bonito! — elogia o gato.

— Minu também não é de todo mau — digo.

Estou tão feliz de ter reencontrado meu Nome que consigo ficar contente até com o dele.





A Matilde... aos banhos no rio Elsa dos anos 1980.

Sobre a autora

Elena Ferrante é italiana e autora de diversos livros, entre eles *A filha perdida*, também publicado pela Intrínseca, e *A amiga genial* e *História do novo sobrenome*, os dois primeiros volumes da série napolitana, que a consagrou definitivamente como uma das mais importantes escritoras da atualidade.

Sobre a ilustradora

Mara Cerri é uma das mais reconhecidas ilustradoras da Europa. É colaboradora frequentemente de revistas e jornais, entre eles *Il Manifesto*, *L'Internazionale* e *Lo straniero*.

Conheça o outro título da autora



A filha perdida

Leia também



Minha professora é um monstro
Peter Brown



Sr. Tigre solto na selva
Peter Brown



Pax
Sara Pennypacker